

# Diretor focaliza desejos urbanos

PAULO CAMPOS

REDATOR



É uma tendência curiosa ver diretores de teatro mineiro, viciados em montar Shakespeare e outros clássicos, descobrindo autores contemporâneos como Brad Fraser, o mesmo de "Pobre Super-Homem". Em "Amor e Restos Humanos", Fraser novamente exibe personagens que estão irremediavelmente presos a seus desejos, todos definitivos e irrealizados. Conserva ainda a mordacidade nos diálogos, que resguardam o tom irônico e quase sempre amargo.

O homossexual Davi vive de encontros fortuitos, troca a profissão de ator pela de garçom e se envolve com o ajudante Caio, um burguesinho. Na outra ponta, a hetero Carol está balançada entre o amor da lésbica Joana e do barman ganhão Roberto. David e Carol, pessoas frágeis condenadas a um mundo real, vão ser abalados pela entrada em cena de um assassino em série.

"Amor e Restos Humanos" é um texto produzido no âmbito de uma dramaturgia homossexual, mas sem qualquer sentido restritivo. Ambos projetam uma intensidade dramática em direção a um embate individual; cada personagem da peça está diante de seu próprio dilema e esboça nítido desenho psicológico.

A encenação de Carlos Gradim aproveita bem a estrutura cinematográfica da peça, cenas curtas e alternância de ambientes. O diretor foi inteligente o suficiente para escolher seus colaboradores: André Cortez elabora um cenário instigante, uma gaiola por onde sobe e desce os personagens, obrigando o espectador, como um voyeur, a se esgueirar para ver toda a cena, e Telma Fernandes faz uma iluminação das mais perfeitas do teatro mineiro.

Se há, através do cenário, da iluminação e dos figurinos (as cuecas, que achado!), a elaboração de uma estética moderna, coerente com o ambiente urbano onde passa a histó-

ria, o espetáculo não obtém efeito semelhante com a trilha sonora, muito menos Gradim impõe dinâmica à encenação nem clima coerente com o material dramático.

Também não esperem do iniciante Leonardo Bertholini um David soberbo. O protagonista de "Amor e Restos Humanos" é um homem sedutor, de humor mordaz e contradições internas, no qual todos, sem exceção, amam e se projetam. E não um gay fútil e debochado como faz acreditar Bertholini, que interpreta com as sobrancelhas. Rodrigo Melgaço desenha um Caio apático, enquanto falta presença cênica ao personagem de Roberto Neumayr.

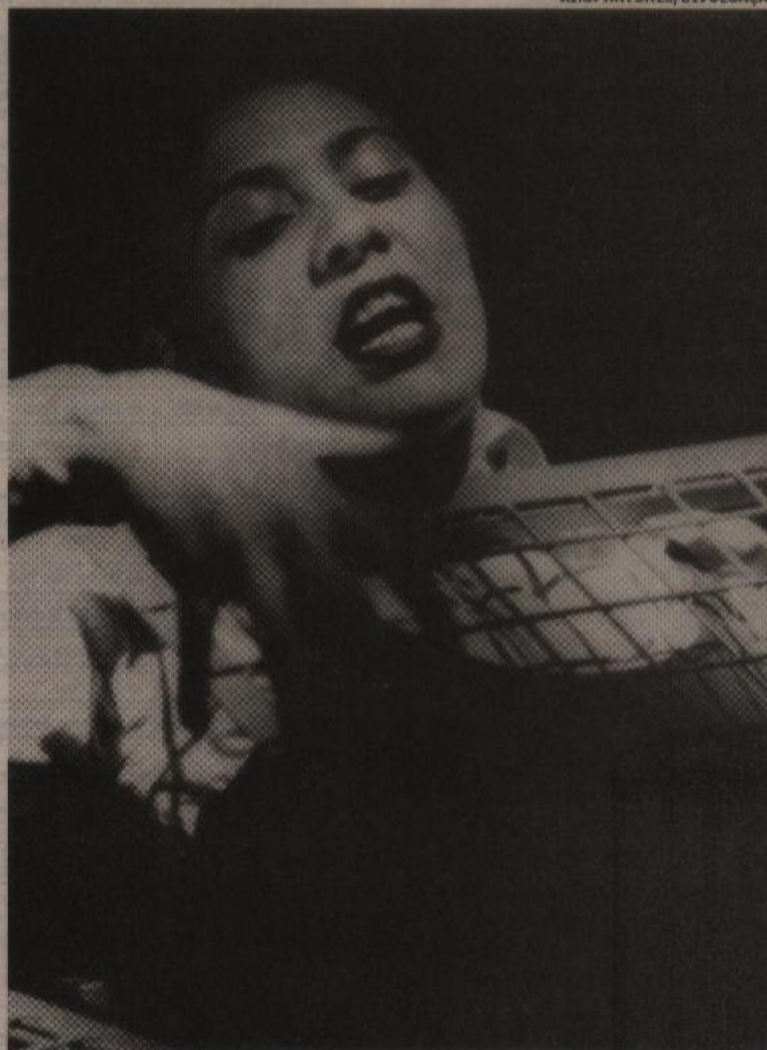
## Força feminina

O elenco feminino é melhor. A Carol de Cynthia Paulino acentua com gestos largos e boa colocação de voz o temperamento da mulher solitária. Docimar Moreyra, surpreendente, cumpre maravilhosamente sua função de quase narradora, com excelente domínio vocal. Samira Ávila, uma presença interpretativa exuberante, transita com segurança pela lésbica.

Mas é o jovem Rodrigo Capanema (ex-Armatrux), num papel secundário, que está extraordinário. Rodrigo tem uma interpretação mais interiorizada, capaz de revelar a dimensão do homem rejeitado sem tentar roubar a cena, mas crescendo à medida que expõe sua vilania, escondida por trás de aparente doçura.

Um conselho ao diretor: vale cortar meia hora na duração em função do desconforto do espaço Conguê, que leva os espectadores ao cansaço e à distração. Ajustes aqui, ajustes ali e "Amor e Restos Humanos" pode virar um espetáculo de bom tamanho.

**AGENDA** - "Amor e Restos Humanos", de Brad Fraser. Direção Carlos Gradim. De quinta a sáb., às 20h30, e dom., às 20h, no Espaço Conguê (r. Patrocínio, 189, Carlos Prates). Até 24 de fevereiro.



Docimar Moreyra interpreta papel dramático em "Amor e Restos Humanos"

KIKA ANTUNES/DIVULGAÇÃO